



SOCIOLOGIA DUMA URBE AFRICANA

OS estudiosos da sociologia africana admitem unanimemente que as aglomerações que se foram formando ao redor dos centros urbanos e industriais do continente negro, se distinguem, sob vários aspectos, das colectividades mais antigas e mais homogêneas da Europa. As estruturas sociais e económicas das primeiras revestem-se de uma complexidade de tal maneira acentuada que não é tarefa fácil estudá-las e descrevê-las.

Tentemos, no entanto, esboçar um esquema descritivo desta nossa capital.

Uma parte considerável dos habitantes são trabalhadores migratórios que aqui se encontram temporariamente e com o fim único de acumularem determinado montante, tendo deixado a família na sua mais ou menos longínqua comunidade tribal subsistindo à custa das actividades agrícolas, pastoris ou de simples colecta. É incontestável que muitos destes rurais, a sua chegada a cidade, têm ideias utópicas sobre as vantagens que vão encontrar. Não levaram em devida conta os encargos com o aluguer da moradia, com a aquisição de alimentação e de lenha e, enfim, com outras necessidades que, no meio donde vieram, nada lhes custavam. Este factor tende a prolongar a estadia daqueles indivíduos de personalidade mais dependente que se envergonham de regressar a terra em humilhante estado de penúria. Outros, mais decididos, constatada a dificuldade em economizarem a ambicionada quantia, aqui mesmo se contratam para a indústria mineira do país vizinho, o que lhes permite apresentarem-se entre os seus, com o prestígio acrescido e a bolsa suficientemente guarneçada para a primeira prestação do lobolo, para a bicicleta ou para a junta de bovinos.

Outra parte é constituída pelos que, embora se achem definitivamente fixados à cidade, continuam a manter estreito contacto com o meio rural, onde tem familiares e onde se radicam muitos elementos essenciais da sua vida social. Por exemplo, é aí que procuram noiva. Chegaram à urbe com a sua personalidade já formada, condicionados nos valores da comunidade tribal e estática e, por conseguinte, com menor maleabilidade para se lançarem em modificações. Além disso as particularidades étnicas impõem-se, acentuando os obstáculos a integração: entre um chope de Zavala e um suazi da Nomaacha as diferenças são enormes.

A grande massa de adolescentes pode constituir uma das bases para a edificação de uma comunidade urbana progressivamente integrada. De personalidade em formação, mais inclinados à aventura, deixam-se seduzir pela variedade de situações, pela atmosfera de tolerância, de anonimato e de liberdade pessoal, tão longe das pressões exercidas pelo agregado tribal e familiar. O adolescente aqui fica retido após ter provado a nova existência passando, paulatinamente, a aceitar os valores comuns da civilização da técnica e da ciência aplicada. Entre esta população pronunciadamente instável e flutuante, de interesses divididos entre a urbe e a tribo, cujos rendimentos se diferenciam lentamente com a agravante dos acréscimos de salários serem consumidos pelo parasitismo da família extensa, torna-se morosa e difícil a formação de classes sociais. Tanto quanto é possível vislumbrar, essas classes, se existem em embrião, são definidas pelos diversos níveis de ocidentalização e baseiam-se, portanto, no prestígio advindo da evolução cultural. Assim é que, sob o regime do indigenato, os então «assimilados» afirmavam sempre que possível, a sua distinção. Os empregos de natureza «intelectual» como o de empregado de escritório ou de funcionário público, conferem um prestígio especial e, por tal motivo, nos inquéritos sobre as preferências profissionais, ocupam o primeiro lugar.

À medida que o grosso dos cidadãos deixar de ser constituído por imigrantes para ser formado por gerações já nadas e criadas na urbe, o grau de integração tenderá a aumentar. A exemplo do que acontece entre os componentes de outros grupos raciais, surgirão, cada vez mais pronunciadas, as distinções de classe. A estratificação manifestará tendência a ser fundada mais sobre critérios sociais e económicos do que sobre critérios raciais. Abrir-se-ão para os africanos novas possibilidades de ascensão nas hierarquias profissionais, a população urbana tornar-se-á cada vez mais estável e surgirão novas fórmulas de síntese.

A iniciativa privada e os organismos oficiais poderão acelerar esta evolução providenciando para que os trabalhadores e suas famílias aqui se fixem definitivamente, para tal instituindo modalidades de previdência que tornem obsoleto e desnecessário o tradicional sistema de segurança na velhice e na invalidez: o regresso à economia de subsistência, no seio da comunidade tribal.

R. F.